

Sumário

<i>Prefácio</i>	13
<i>Introdução</i>	15
ANTES DA VIAGEM	30
1. O planejamento do projeto	34
2. A formação da equipe	47
3. A preparação para ir	60
DURANTE A VIAGEM	78
4. Um bom começo	79
5. Adaptando-se ao contexto	90
6. Mantendo um bom testemunho	104
7. Aproveitando o tempo ao máximo	112
8. Final feliz	132
APÓS A VIAGEM	139
9. Conversando sobre a viagem	140
10. Os planos	149

Apêndice 1: A inscrição para o ministério de curto prazo	153
Apêndice 2: Ajuda para líderes de equipe	155
Apêndice 3: Devocionais diários	163
Apêndice 4: Melhores práticas	173
<i>Bibliografia</i>	176

Prefácio

Durante mais de trinta anos de ministério, tenho visto o lado bom, o ruim e o desagradável do ministério de curto prazo. Integrei equipes que foram usadas para levar centenas de pessoas ao Senhor em campanhas evangelísticas. Também estive em outro grupo que foi delicadamente, mas com toda firmeza, convidado a deixar o país e não voltar mais!

Tive o privilégio de liderar muitas outras equipes, a maioria composta por brasileiros de todas as idades e oriundos de diversos contextos. Algumas das experiências mais memoráveis, porém, vieram de liderar grupos multiculturais, com um mosaico de participantes do Brasil, Estados Unidos e ainda de outros países.

Existe a perspectiva adicional de ser anfitrião de outras equipes. Sempre que esses grupos desembarcam de um avião ou de um ônibus, minha esposa e eu prendemos a respiração, orando para que Deus use cada pessoa para o progresso de sua obra e esperando que elas não ofendam nossos amigos ou prejudiquem o bom trabalho, já iniciado.

Acredito muito no poder das viagens missionárias de curto prazo. Na verdade, a primeira viagem prolongada da qual participei, durante oito semanas e meia para o empobrecido país do Haiti, foi fundamental para o meu chamado para esse ministério. Além de tomar conhecimento das necessidades e desafios de outra

cultura, pude conhecer diversos irmãos compromissados com a obra do Senhor, e ainda experimentar um pouco do trabalho. Minha esposa pode contar uma história parecida, que também aconteceu no Haiti, porém em outro ano. Na verdade, cada um de nossos três filhos nos acompanhou em missões de uma semana ou mais, antes mesmo de completarem um ano de vida. Como cresceram com esse estilo de vida, eles já participaram como voluntários em muitas viagens.

O impacto coletivo de todas essas experiências também me levou a estudar mais. Na esperança de compreender a dinâmica dessas viagens e aproveitá-las ao máximo, esse foi o foco dos meus estudos no doutorado; especificamente a ideia de usar viagens de curto prazo para treinar obreiros de longo prazo.

Basicamente, porém, a motivação para este livro diz respeito a minha preocupação de que a igreja e os cristãos individualmente tirem pleno proveito do tempo e dos recursos que Deus lhes dá para que tragam glória ao seu nome. Uma viagem voltada apenas para o participante não passa de turismo — este guia até pode ser útil para essa pessoa, mas o turista não é meu público-alvo. Aqueles, entretanto, que buscam servir outros em nome de Cristo devem fazê-lo da melhor maneira possível, com todo seu coração, alma e entendimento (Mt 22.37). Que estas páginas possam servir de ajuda para esse fim.

Introdução

O número de missionários brasileiros de longo prazo tem experimentado crescimento regular no decorrer das últimas décadas. Ao mesmo tempo, a quantidade de missionários de curto prazo tem aumentado exponencialmente nos Estados Unidos,¹ e em todo o mundo, uma vez que a maneira de fazer missões tem sido repensada, em grande parte, em razão desse fenômeno. A cada ano, *milhões* de pessoas participam de uma viagem ministerial breve — e o número está crescendo!

Ao que tudo indica, as missões de curto prazo não são uma moda passageira. Conforme novos participantes retornam dessas experiências e compartilham suas histórias, outros são motivados a participar de uma próxima viagem. Alguns têm chegado até a questionar a necessidade de obreiros ficarem por muito tempo em alguns campos, uma vez que tantas coisas podem ser realizadas pelas equipes de curto prazo. Muitas igrejas já dedicam mais de seus recursos para as equipes focadas em trabalhos mais breves do que para missionários de longo prazo. Os resultados são, frequentemente, impressionantes.

¹Em 2005, foram identificados quase dois milhões de missionários de curto prazo somente nos EUA. Cf. Robert Wuthnow, *Boundless faith: the global outreach of American churches* (Berkeley: University of California Press, 2009), p. 171.

Um pequeno grupo formado por maioria adolescente, que ministrou durante uma semana em uma região da Bolívia considerada hostil aos evangélicos, pode ser considerado um bom exemplo. Durante o dia, sob um sol escaldante, eles conseguiram reunir setenta crianças para a escola bíblica de férias no quintal da casa de um dos poucos crentes da região. À noite, eles apresentaram o filme *Jesus* em várias áreas públicas, e até para um batalhão de soldados em uma base militar. Aproximadamente duas mil pessoas assistiram ao filme e ficaram para ouvir uma apresentação do evangelho; centenas foram à frente para receber folhetos evangelísticos.

Apesar do exemplo que acabamos de citar, é preciso ter em mente que nem toda viagem é bem-sucedida. Às vezes, as histórias compartilhadas em um culto ou em uma classe de escola dominical não mencionam os resultados negativos. Certa vez, pediram a um obreiro de curto prazo, que havia passado vários meses distribuindo Bíblias em um país fechado à pregação do evangelho, que falasse sobre suas experiências em um grande congresso sobre missões. Ele relatou os esforços ousados que ele e seu companheiro de viagem realizaram, até serem finalmente confrontados pela polícia e expulsos do país. Era visível que o público tinha máxima consideração por ele como alguém que foi perseguido por causa de sua fé. O que ele não contou, no entanto, foi o fato de que seu empenho colocou em risco a segurança de um grande número de muçulmanos convertidos, além de ter provocado a expulsão de um missionário que estava no país por aproximadamente vinte anos!

A experiência do obreiro foi bem-sucedida? Somente se você não olhar para o todo! Assim como uma viagem missionária mais curta pode ser um marco espiritual usado por Deus para promover seu reino de modo significativo, também pode ser um buraco negro a sugar tempo, dinheiro e energia que poderiam ter sido mais bem investidos em outro lugar. Graças a Deus, inúmeras pessoas podem contar histórias acerca do poder liberado por essas

viagens e que transformou muitas vidas segundo os propósitos de Deus. Outras, porém, infelizmente, poderiam relatar histórias do trauma desencadeado por esse tipo de missão. A diferença geralmente deve-se ao planejamento. O objetivo deste livro é ajudar todos os participantes de viagens de curto prazo a navegar pelo processo de planejamento, a fim de garantir que os efeitos duradouros sejam positivos para todos.

Olhar para o quadro completo exige atenção cuidadosa com vários fatores. Não importa se a viagem for internacional, de um ano, ou de apenas um fim de semana até uma comunidade local, é necessário considerar seu preparo, execução e acompanhamento. Este livro destina-se a ajudar igrejas, agências missionárias, escolas e participantes individuais a obter um impacto positivo de longa duração das viagens de curto prazo.

Existem, infelizmente, muitos cristãos que se inscrevem para viagens transculturais, mas, na verdade, se envolvem muito pouco no ministério propriamente dito. Os que estão no campo perguntam, com razão, em algumas ocasiões: “Por que eles não podem apenas nos enviar o dinheiro que levantaram?”. Este livro abordará diversos princípios que ajudam a manter o termo “*missionária*” no centro da expressão *viagem missionária de curto prazo*.

Este manual foi elaborado como um guia prático para ajudar em cada passo do processo, que começa muito antes da própria viagem e continua depois que os participantes voltam para casa. Os planejadores da viagem e os líderes da igreja — tanto os que enviam quanto os que recebem missionários — encontrarão aqui abordadas a maioria das questões que surgem com frequência. Mesmo a pessoa que viaja sozinha ou com a família achará que este é um livro de referência e um guia de campo útil para ser consultado conforme as situações surgirem.

Se todos os participantes do grupo não comprarem um exemplar do livro, observe que as seções acompanhadas do símbolo  podem ser copiadas para uso durante a viagem, como: guia devocional, auxílio no aprendizado cultural etc. No entanto, em todo o

ANTES DA VIAGEM

O potencial para uma viagem de curto prazo dar errado sempre existe. Mesmo sendo verdade "... que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem..." (Rm 8.28), nós ainda vivemos em um mundo cheio de pecado. Em primeiro lugar, uma viagem ministerial é um exercício espiritual, e qualquer trabalho da igreja que tenha valor eterno encontrará algum tipo de oposição. Mesmo os planos do apóstolo Paulo foram frustrados de vez em quando. Ele pensou que seria uma boa ideia levar João Marcos consigo em sua primeira viagem missionária (At 13.5). Mas, antes que chegassem ao meio da jornada, esse jovem abandonou Paulo e Barnabé e voltou para casa (At 13.13; 15.37,38).

Por que planejar? É impossível, claro, se preparar para todas as possibilidades. Uma viagem de curto prazo geralmente se tornará uma experiência para exercitar a fé de maneiras inesperadas. Algumas pessoas, é verdade, se contentam em passar a maior parte da vida sem pensar em planejar o que vem pela frente. Porém, é muito provável que nem todos em sua equipe pensem desse modo.

A sabedoria recomenda a prevenção, principalmente quando há uma equipe envolvida. Uma coisa é um indivíduo se aventurar por conta própria, mas sujeitar outras pessoas a essa abordagem pode levar à frustração coletiva, se não a uma rebelião! Afinal,

o próprio contexto vai testar a fé da equipe. O planejamento de uma viagem de curto prazo pode, às vezes, parecer um complexo quebra-cabeça. Mas, com frequência, as horas despendidas na preparação podem ajudar a prevenir dias de atividade infrutífera durante a missão.

O planejamento cuidadoso também ajuda os anfitriões. Eles precisarão saber quantas refeições preparar, quanta tinta ou outros materiais de construção comprar. Se eles não conseguirem providenciar as coisas antes de o grupo chegar, seu tempo interagindo de fato com a equipe será reduzido drasticamente.

A falta de planejamento (e acompanhamento) também pode resultar em um testemunho fraco. Em determinada ocasião, um missionário fez planos para um grupo de estudantes ajudar em uma grande campanha evangelística, somente para se sentir frustrado quando, apenas alguns dias antes, soube que o grupo não poderia participar. Uma pessoa mudou de ideia sobre a viagem e fez com que outros também desistissem. Assim, o grupo que de fato viajou não contava com membros suficientes para a peça de teatro que pretendia apresentar.

Quando esse tipo de experiência se multiplica, não é surpresa que alguns missionários não levem muito a sério o compromisso de certos obreiros de curto prazo. Nessa mesma viagem, aqueles que realmente foram, chegaram a uma de suas paradas planejadas somente para descobrir que o retiro de quatro dias onde iriam ajudar havia sido cancelado. Quando lhe perguntaram por que não tinha avisado o grupo, o missionário respondeu muito francamente: “Não pensamos que vocês viriam de verdade!”.

Diálogo. De preferência, uma viagem deve ser planejada com o envolvimento direto de um missionário ou um nativo do campo missional familiarizado com a igreja que pretende enviar a equipe de obreiros. Isso facilita o acordo sobre responsabilidades e expectativas (uma falha na comunicação é sempre uma possibilidade, principalmente quando estão envolvidas diferentes

culturas). Certifique-se de confirmar o básico diretamente com a pessoa no campo, como datas, número de pessoas, atividades planejadas etc. Um telefonema antes de comprar as passagens é uma decisão sábia.

Embora seja sempre aconselhável o contato com alguém no campo, às vezes, essa pessoa não pode ajudar muito com o planejamento detalhado devido ao seu próprio trabalho ou outras responsabilidades. Nesse caso, a denominação ou a agência para a qual o missionário trabalha, ou até alguém que tenha conduzido uma equipe *recentemente* para o mesmo lugar podem ser boas fontes de informação. Não há nenhuma razão para “reinventar a roda”. Procure aprender tudo o que puder com outros que tenham percorrido esse caminho antes de você.

Tenha em mente que o planejamento da viagem deve ser feito após uma conversa com os líderes espirituais da igreja que está enviando a equipe. Procure fornecer atualizações regulares durante o processo de planejamento (ou ao menos garanta que estejam copiados nos e-mails). De vez em quando, um entusiasta de missões vai trabalhar sozinho e desenvolver planos elaborados para um projeto que tem pouca chance de ser abraçado pela igreja. Um contato regular com esses líderes não somente facilitará a realização efetiva de projetos realistas, mas também aumentará o potencial de mobilizar a igreja para compromissos até maiores.

Avaliação. Se, no início do processo de planejamento, a igreja que envia ou as pessoas no campo perceberem que algum aspecto fundamental não está correto, um dos líderes precisa ter a coragem de discutir o assunto, e possivelmente cancelar a viagem.

Um missionário do campo pode se sentir obrigado a receber um grupo, mesmo quando isso não é do interesse do ministério local. Deve-se esperar desafios, mesmo no estágio de planejamento. As necessidades no campo podem mudar, e a flexibilidade é aceitável. No entanto, o discernimento da direção do Senhor será sempre necessário, já que outras oportunidades aparecerão. Em geral, é

melhor cancelar ou adiar uma viagem sobre a qual não se chegue a um acordo, do que sujeitar todos a uma experiência estressante.

É possível aprender com os erros dos outros. Se outras equipes tiverem visitado a região, peça conselhos. Isso inclui não só o que funcionou bem, mas também o que eles fariam diferente, se pudessem. O anfitrião deve ser capaz de fornecer os contatos.

O planejamento do projeto

O ANFITRIÃO

Conexão. Uma das questões mais importantes no começo do planejamento é *com quem?* Viajar para um campo onde sua igreja já sustenta um missionário de carreira pode ser uma das primeiras respostas. Os missionários da denominação ou outros obreiros que, de algum modo, sejam conhecidos podem aumentar a lista de opções, assim como os líderes da igreja nacional.

Seria ideal que o missionário anfitrião já tivesse grande experiência no campo. Ele deve ter o respeito do povo local com quem trabalha e, se estiver em um país estrangeiro, falar o idioma local.

Se o anfitrião não for bem conhecido pela equipe visitante, tenha cuidado para não assumir um compromisso muito precipitadamente. Existem várias razões pelas quais uma igreja ou ministério poderiam indicar interesse em receber um grupo, algumas das quais podem permanecer ocultas. Os membros da igreja e os organizadores da viagem devem gastar um tempo para investigar e verificar se a congregação anfitriã é idônea; até mesmo a transparência em lidar com as finanças. Se possível, deve-se enviar uma pessoa ao campo alguns meses ou até mesmo um ano antes da viagem para avaliar a situação.